

SOCIALIZAÇÃO PARENTAL DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E EM DESENVOLVIMENTO TÍPICO

Cleomayra Tomaz da Silva¹
Vitória Nunes Vidal²
Maria Gabriela Vicente Soares³
Lilian Kelly de Sousa Galvão⁴

INTRODUÇÃO

A socialização parental - ou estilos parentais, encontra-se presente nas famílias seja ela qual for a configuração, podendo ser definida como a união de diversas práticas educativas utilizadas pelos responsáveis para a interação com seus filhos/as (Baumrind, 1997). MacCoby e Martin (1983) ao realizar pesquisas nessa temática realizaram a separação do estilo parental em quatro, sendo: Autoritativo, Autoritário, Permissivo Indulgente e Permissivo Negligente.

Posteriormente, Musitu e García (2001) realizaram a categorização de cada um deles variando de acordo com duas dimensões, sendo elas, o nível de Aceitação e de Coerção. Separaram que: pais Autoritativos apresentam altos níveis tanto de Coerção como de Aceitação, já os Autoritários possuem altos níveis de Coerção e baixos de Aceitação, enquanto os pais Permissivos Indulgentes teriam baixos níveis de Coerção e altos de Aceitação, por fim, pais Permissivos Negligentes possuem baixos níveis em ambas as dimensões propostas.

Apesar de os estilos parentais estarem presente nas famílias eles podem possuir variações considerando diversidades (Kobarg, 2010) como, por exemplo, a presença de filhos/as com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) que, encontra-se como o transtorno do neurodesenvolvimento mais comum na infância entre as famílias, sendo, de acordo com estudos recentes, 1:36 crianças de 8 anos nos Estados Unidos (Maenner, et al. 2023).

O TEA apresenta como uma de suas características diagnósticas dificuldades na comunicação e interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento (APA, 2022).

¹ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, cleomayrasilvat@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, vickynunesvidal@gmail.com;

³ Mestrando do Curso de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mgabriela.psicop@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: Professora da UFPB, Doutora em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba - PB, liliangalvao@yahoo.com.br.

Nesse sentido, essa pesquisa tem por objetivo geral investigar se a presença do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista dos filhos/as se relaciona com o uso de técnicas de socialização de maior aceitação e/ou maior coerção. Já como objetivos específicos, foram selecionados: (1) Comparar o uso de técnicas de aceitação entre mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista e mães de crianças em desenvolvimento típico; (2) Comparar o uso de técnicas de coerção entre mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista e mães de crianças em desenvolvimento típico.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram deste estudo 40 mães de crianças de 5 a 11 anos ($M= 8,05$; $DP= 2,06$) sendo 20 mães de crianças com desenvolvimento típico (50%) e 20 mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (50%). Dessas mães, 70% eram casadas, 12,5% solteiras, 7,5% eram divorciadas, 2,5% eram viúvas e 7,5% preferiram não informar. Além disso, 64% relataram que a média da renda familiar mensal era acima de R\$3.000.

Instrumentos

O instrumento utilizado foi a Escala de Socialização Parental (ESPA-29) desenvolvida por Musitu e García (2001), em sua adaptação para utilização com mães, realizada por Chaves (2018), escolhida com o intuito de avaliar os estilos de socialização parental a partir das dimensões de Aceitação (afeto, diálogo, indiferença e displicência) e Coerção (coerção verbal, coerção física e privação).

Na estrutura, ela possui 29 situações que se encontram na terceira pessoa (ex.: “Se quebra ou estraga alguma coisa da nossa casa”) que devem ser avaliadas pelas mães em uma escala tipo likert de 4 pontos, sendo: (1) para “nunca”; (2) para “algumas vezes”; (3) para “muitas vezes” e (4) para “sempre”.

Também se aplicou um questionário sociobiodemográfico para coletar informações básicas das mães (ex: idade, nível escolar, renda familiar, etc.) e do seu filho/a (ex: idade, se frequenta a escola regularmente, se possui algum diagnóstico ou se possui outro diagnóstico além do TEA, se faz terapias, etc.).

Procedimento da Coleta de Dados

Todas as etapas éticas provenientes das recomendações da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde foram seguidas. Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos as coletas de dados foram iniciadas em instituições privadas e públicas por meio de um *QR Code* disponibilizado pelos pesquisadores e uma busca via redes sociais.

As mães que atenderam aos critérios de inclusão receberam via *Whatsapp* ou *QR Code* o *link* constando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os instrumentos supracitados, ao aceitarem participar e assinarem o TCLE a pesquisa foi seguida por meio do *Google forms*.

Análise de dados

A análise de dados foi realizada utilizando o *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 25. Inicialmente, com o intuito de comparar os índices de socialização parental entre os dois grupos populacionais (mães de crianças com TEA e em Desenvolvimento Típico), foi realizado um Teste t para amostras independentes. Em seguida, análises descritivas e de frequência foram conduzidas com o intuito de caracterizar a amostra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nível Aceitação - afeto, diálogo, indiferença e displicência

Na dimensão de Afeto, as mães de crianças com TEA apresentaram uma média superior ($M = 48,2$; $DP = 5,7$) quando comparado às mães de crianças com desenvolvimento típico ($M = 40,4$; $DP = 7,3$). O teste t revelou que essa diferença foi estatisticamente significativa [$t(38) = 3,95$; $p = 0,001$].

Na dimensão de Diálogo os resultados foram semelhantes, as mães de crianças com TEA apresentaram uma média de 59,0 ($DP = 0,0$), enquanto as mães de crianças com desenvolvimento típico tiveram uma média de 49,3 ($DP = 7,8$). O teste t mostrou que essa diferença também foi estatisticamente significativa [$t(38) = 5,32$, $p = 0,00$].

Na dimensão de Indiferença, as mães de crianças com TEA obtiveram uma média de 20,6 ($DP = 8,5$), enquanto as mães de crianças com desenvolvimento típico apresentaram uma média de 25,2 ($DP = 8,6$). No entanto, essa diferença não foi estatisticamente significativa [$t(38) = -1,75$, $p = 0,09$], indicando que não há uma diferença clara entre os grupos na percepção de indiferença.

Na dimensão de Displícência, as mães de crianças com TEA pontuaram com uma média de 20,06 (DP = 6,9), enquanto as mães de crianças com desenvolvimento típico pontuaram com uma média de 24,9 (DP = 6,7). Esta diferença também não foi estatisticamente significativa, $t(38) = -1,98$, $p = 0,05$.

Sobre o nível de aceitação, os resultados indicam que as mães de crianças com TEA relatam níveis mais altos de Afeto e de Diálogo com seus filhos/as, mas apresentam pontuação semelhante nas dimensões de Indiferença e Displícência, quando comparadas com as mães de crianças Típicas. Essas duas dimensões (Afeto e Diálogo) são mais presentes no estilo parental Autoritativo e Permissivo Indulgente. Estudos anteriores indicam que os pais de filhos/as Autistas apresentam predominância no estilo Permissivo além de uma superproteção dominante (Beltyukova et al., 2021; Van Steijn et al., 2013).

Dimensão Coerção - privação, coerção verbal e coerção física

Na dimensão de Privação, as mães de crianças com TEA apresentaram uma média de 35,4 (DP = 12,6), enquanto as mães de crianças com desenvolvimento típico apresentaram uma média de 36,7 (DP = 8,4). Não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(38) = -0,38$, $p = 0,70$.

Na dimensão de Coerção Verbal, as mães de crianças com TEA e as mães de crianças com desenvolvimento típico pontuaram igualmente com uma média de 34,2, mas com desvios-padrão diferentes (DP = 16,4 para mães de crianças com TEA e DP = 11,04 para mães de crianças com desenvolvimento típico). A diferença não foi estatisticamente significativa, $t(38) = 0,13$, $p = 0,13$.

Finalmente, na dimensão de Coerção Física, as mães de crianças com TEA apresentaram uma média de 18,0 (DP = 2,6), enquanto as mães de crianças com desenvolvimento típico apresentaram uma média de 20,9 (DP = 7,9). Esta diferença também não foi estatisticamente significativa, $t(38) = -1,61$, $p = 0,12$.

Os resultados supracitados indicam que tanto as mães de crianças com TEA como as mães de crianças em desenvolvimento típico relatam níveis semelhantes de Coerção Verbal, Coerção Física e Privação com seus filhos/as.

Essa pesquisa apresenta resultados que se assemelham a pesquisas anteriores em que mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista não apresentam altos níveis de Coerção. Mas, em contrapartida, apresentam altos níveis de Aceitação, podendo, com isso, se enquadrar em um estilo parental predominante Permissivo Indulgente (Musito; Garcia, 2001)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que o objetivo do estudo foi alcançado, os resultados indicam que o grupo de mães de crianças com TEA apresentam maiores níveis de Afeto e Diálogo para com seus filhos/as quando comparado ao grupo de mães de crianças em Desenvolvimento Típico, por outro lado, relacionado as dimensões de Indiferença, Displícência, Privação, Coerção Física e Verbal os dois grupos não apresentaram diferença significativa na pontuação.

Vale salientar que esses resultados são parciais de uma pesquisa ainda em andamento, posteriormente, será realizada uma análise de dados com um grupo amostral maior para proporcionar uma compreensão mais completa e precisa das diferenças de socialização parental entre crianças com TEA e crianças com desenvolvimento típico, sendo possível ter resultados mais significativos por meio de uma análise mais robusta e conclusiva.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Estilos parentais, Crianças, Desenvolvimento Típico.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à orientadora desta pesquisa, a Professora Dra. em Psicologia Social, Lilian Galvão, pela oportunidade de realizar este projeto de pesquisa. Também agradeço a Mestranda do programa de Psicologia Social da UFPB, Maria Gabriela Vicente pela orientação dedicada e pela parceria constante durante todas as etapas da pesquisa.

Agradeço, ainda, às minhas colegas graduandas do curso de Psicopedagogia da UFPB, em que pude desenvolver juntamente com elas essa pesquisa.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e ao Programa de Iniciação Científica da UFPB que proporcionaram a realização deste projeto.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR)**. 5. ed. Washington: Associação Psiquiátrica Americana, 2022.

BAUMRIND, Diana. Prototypical descriptions of 3 parenting styles. **Psychology**, v. 37, n. 4, p. 887-904, 1966.

BAUMRIND, D. O encontro com a disciplina: questões contemporâneas. **Agressão e Comportamento Violento**, v. 2, p. 321-335, 1997.

BELTYUKOVA, O. et al. Especificidades das relações pais-filhos em famílias que criam crianças com transtorno do espectro autista. **ARPHA Proceedings**, v. 5, p. 153-163, 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.

CHAVES, Célia Maria Cruz Marques et al. **Socialização materna e comportamentos agressivos: percepção de mães de crianças com síndrome de down e em desenvolvimento típico**. 2018. Tese (Doutorado), Programa de psicologia social, Universidade Federal da Paraíba, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12146>. Acesso em: 27 de Maio de 2024.

KOBARG, A. P. R. et al. **Validação da Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais (Embu)**. Avaliação Psicológica, Porto Alegre, v. 9, n. 1, 2010.

MACCOBY, Eleanor E. et al. Socialization, personality, and social development. **Handbook of child psychology**, v. 4, p. 1-101, 1983.

MAENNER, M. J. et al. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years - Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 sites, United States, 2020. **Surveillance Summaries**, v. 72, n. 2, 2023.

MUSITU, G.; García, F. **ESPA29: Escala de estilos de socialización parental en la adolescencia**. Madrid, Spain: Tea, 2001.

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento Humano**. 14. McGraw Hill Brasil, 2021.

VAN STEJIN, DJ et al. Os sintomas do transtorno do espectro do autismo parental e/ou do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade estão relacionados aos estilos parentais em famílias com crianças afetadas pelo TEA (+TDAH)? **Eur Psiquiatria Infantil Adolescente**, v. 22, p. 671-681, 2013.